

## **Veja o machismo: discursos sobre machismo produzidos por Millôr Fernandes na revista *Veja* (1968-1984).**

Cintia Lima Crescêncio\*

Afirmando, durante a década de 1980, “Sou mais macho que muito homem”, Rita Lee e Zélia Duncan eternizam, por meio da música, a noção de macho desvinculada do seu teor considerado natural, o homem. Enquanto isso a noção de macho em si, continua sendo considerada como algo relativo ou próprio do sexo masculino. Como derivação da expressão macho, temos a expressão machismo, costumeiramente considerada como algo óbvio e, em função disso, pouco explorada conceitualmente.

Diante disso, este artigo tem como premissa pensar o machismo como um discurso, não no seu sentido global, mas dentro de uma análise bastante específica, que é a produção jornalística. Para isso, pretendo explorar os excertos do escritor, humorista, dramaturgo e cartunista Millôr Fernandes durante sua permanência como colunista de humor da revista *Veja*, entre os anos de 1968, ano em que a revista foi fundada e o colunista contratado, e 1984, quando Millôr desliga-se de *Veja*, sendo substituído por Luis Fernando Veríssimo. A escolha dessa temática não é aleatória, muito pelo contrário, ela é justificada pela relação que Millôr Fernandes, ao longo de sua carreira, estabeleceu com o movimento feminista<sup>1</sup>, mais especificamente com o feminismo brasileiro, tanto em sua atuação em *Veja*, quanto em sua atuação no jornal *O Pasquim*. Rachel Soihet, em estudo recente, já acusava Millôr, entre outros, de fazer uso da zombaria como forma de combate ao feminismo<sup>2</sup>.

Nesse sentido, leva-se em consideração o fardo histórico que permeia e é permeado pelos discursos, não sendo as palavras simplesmente lançadas ao vento e

---

\* Graduada em história bacharelado na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>, Cristina Scheibe Wolff. Bolsista CNPQ. Endereço Eletrônico: cintialima23@gmail.com

<sup>1</sup> Faço uso do termo feminismo para fins de fluência da escrita, no entanto ressalto a inviabilidade de se pensar em feminismo e não em feminismos, não só em função da diversidade histórica do feminismo, mas também em função das variadas frentes de luta. Isso porque, entendendo o feminismo enquanto teoria, prática, movimento, acontecimento real e discursivo, podemos compreendê-lo como imbricado nas próprias idas e vindas históricas.

<sup>2</sup> Ver mais: SOIHET, Rachel. Zombaria como arma anti-feminista: instrumento conservador entre libertários. In: Revista Estudos Feministas, vol. 13, n; 3, setembro-dezembro, 2005, pp. 591-611.

diluídas pelo tempo. Elas permanecem, sobrevivem, (re)configuram-se, (re)tornam. Em função da importância dos discursos para o fazer histórico, visto que estes são produtos e produtores de subjetividades, para pensar a produção de Millôr Fernandes lança-se mão da análise do discurso como metodologia. Conforme Eni Orlandi: “A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (ORLANDI, 2009: 15).

Dessa maneira, não se objetiva compreender as palavras no seu conteúdo semântico, mas sim histórico, carregado de significados. Procuro, então, nessa análise, alcançar o discurso, que implica o trabalho de explicitar, descrever e interpretar montagens sócio-históricas de sentidos<sup>3</sup>. Por isso, busco a compreensão das redes nas quais os discursos se articulam, relacionam, entremeiam. É em função dessa perspectiva de análise, que a figura de Millôr deve ser pensada como datada e localizada; a exploração da fonte, no caso a revista *Veja*, prescinde do mapeamento das relações que ela estabelece com seu meio; e refletir sobre o machismo, exige que este seja considerado dentro de um cenário de emergência do feminismo no Brasil. Refletir sobre as considerações sobre machismo na coluna de Millôr implica contemplar as relações que se estabelecem entre estes diferentes nichos, levando em conta suas exterioridades e inter-relações.

Para se considerar os discursos sobre machismo<sup>4</sup> produzidos por Millôr Fernandes nesses 16 anos de *Veja* é preciso que se leve em consideração, portanto, uma série de eventos que se intercalam às farpas do colunista direcionadas ao feminismo. E mais, encarar, além da identificação do próprio Millôr com o machismo, também sua postura crítica e irônica em relação ao tema.

Respeitando as sugestões de Tânia Regina de Luca, é preciso que se considere a imprensa, nesse caso a revista *Veja*, no seu sentido mais amplo e complexo, percebendo que, ao assumir-se a imprensa como fonte, é preciso todo um mapeamento do grupo

---

<sup>3</sup> Destaco que nessa análise em específico não foram contempladas as charges que foram produzidas por Millôr Fernandes abarcando o mesmo tema, isso porque a opção analítica privilegiou a linguagem escrita.

<sup>4</sup> Na fonte também foram localizadas muitas referências ao chauvinismo que, em última análise, iguala-se a idéia de machismo de Millôr Fernandes, no entanto, em função das limitações espaciais do artigo, deu-se preferência à exploração do tema machismo quando a referência era feita a essa expressão.

responsável pela publicação, a identificação dos colaboradores e fontes de receita, a localização do público alvo (LUCA, 2005). A partir dessa perspectiva, precisamos lidar com a imprensa sempre como objeto. Mesmo que o objetivo não seja fazer a história da imprensa, o rigor metodológico e a riqueza da pesquisa estão profundamente comprometidos com as informações que se tem sobre a fonte em questão. Essa mesma exigência é feita pela análise de discurso, visto que, conforme Eni Orlandi, é preciso considerar a importância das condições de produção do discurso: contexto imediato e contexto amplo<sup>5</sup>.

Maria Fernanda Lopes de Almeida relata que *Veja* foi fundada por Victor Civita, dono da Editora Abril e Roberto Civita, seu filho, no dia 11 de setembro de 1968, sendo a primeira semanal a trazer o modelo *Time* ao Brasil. Em busca de um nome de peso para encabeçar o projeto, optou-se pela contratação de Mino Carta (ALMEIDA, 2009:23). Nascida durante a ditadura militar, *Veja* sobreviveu ao período de arbítrio afirmando-se hoje como uma das revistas mais vendidas do país.

Anne-Marie Smith destaca que *Veja*, assim como outras publicações que fazem parte da chamada grande imprensa, é uma empresa e, nesse sentido, representa interesses de grupos específicos. Isso deve ser relevado quando consideramos a própria bibliografia que se ocupa, ou de acusar a revista de negligência em relação à censura, ou de resistência à opressão. A referida autora afirma que, tanto para manter-se financeiramente, como para o bem da manutenção de seu posto de representante de determinados interesses de uma classe média, *Veja*, assim como outras publicações, consentiram com o arbítrio que dominava o país durante a ditadura militar (SMITH, 2000: 202).

Maria Fernanda Lopes de Almeida lembra que *Veja* foi alvo durante muitos anos, tanto da censura prévia, quanto da autocensura. De acordo com Anne-Marie Smith, os bilhetinhos eram parte integrante da chamada autocensura. Neles constavam assuntos proibidos, não traziam origem ou timbre oficial, não eram entregues aos órgãos da imprensa, um funcionário do jornal ou revista copiava seu conteúdo e assinava mostrando que fora informado. Já a censura prévia era realizada na Polícia Federal ou nas próprias redações que contavam com a presença de um censor que controlava a

---

<sup>5</sup> Contexto imediato é o que envolve o discurso, seu suporte, sua produção, sua assinatura. O contexto amplo é o que traz para discussão os efeitos da sociedade, suas instituições, enquanto a memória atua como interdiscurso, ao acionar dizeres e experiências. (ORLANDI, 2009: 30-31).

escrita dos impressos (SMITH, 2000: 141). Ainda de acordo com Maria Fernanda Lopes de Almeida, Millôr teria sido um dos principais alvos da censura, em função da sua acidez para tratar dos mais variados temas: “A coluna de Millôr sempre foi um dos principais alvos do carimbo do censor: foram 505 linhas riscadas e 19 desenhos proibidos” (ALMEIDA, 2009: 135).

Em reportagem especial comemorando as 500 semanas de Millôr em *Veja*, destaca-se que o principal alvo de críticas do colunista são temas como dinheiro, feminismo, psiquiatria, poluição, exploração imobiliária, burocracia, enfim, tudo que some pretensão com incompetência, poder e arbítrio (Revista *Veja*. Dia 28 de junho de 1978. Edição 512, p. 112.). A própria matéria que saúda o fato do colunista fazer parte da equipe da revista, afirma a amplitude dos temas que fazem parte dos assuntos prediletos de zombaria do escritor. Dessa maneira, nem a louvação do machismo, e muito menos o repúdio ao feminismo, podem ser simplesmente considerados como traços negativos do caráter de Millôr. É preciso que o aloquemos em um contexto maior, de opressão, de imobilidade e de transformação, cenário encarado pelo referido colunista com deboche e ironia.

Segundo Céli Regina Jardim Pinto, a emergência do feminismo no Brasil está pautada nas relações que mulheres brancas, intelectualizadas e de classe média estabeleceram com Estados Unidos e alguns países da Europa, principalmente a França<sup>6</sup>. Conforme a autora, era o contato das brasileiras com a teoria, a literatura e o pensamento feministas produzidos nestes países que possibilitou o surgimento do movimento no Brasil<sup>7</sup>. Mesmo que seja de extrema relevância relativizarmos essa afirmação, afinal, o feminismo se dá nas relações cotidianas - sendo muitas vezes não nomeado como tal - é preciso considerar a importância do estabelecimento dessa relação entre brasileiras e idéias estrangeiras para a consolidação do feminismo em território

---

<sup>6</sup> A história do feminismo é habitualmente dividida em duas ondas: a primeira seria a do final do século XIX e início do século XX e se caracteriza pela reivindicação das mulheres de votarem e serem votadas; a segunda é um acontecimento do final da década de 1960 e começo da década de 1970 e está aliada à emergência da contracultura, com reivindicações no que se refere à sexualidade e saúde, formação profissional e mercado de trabalho. Ver mais: ALVES & PITANGUY. O que é feminismo. São Paulo, Brasiliense: 2006.

<sup>7</sup> Conforme Clare Hammings, a própria noção de onda feminista leva a uma noção de progresso e homogeneização, fazendo com que se desconsiderem as especificidades do feminismo desenvolvido em cada região e em distintos tempos. Ver mais: HAMMINGS, Clare. Contando histórias feministas. In: Revista Estudos Feministas, vol. 17. n. 1, 2009: p. 215.

nacional. Um problema apontado pela autora, é o cenário específico de surgimento do feminismo em terras tupiniquins que, ao contrário dos países centrais, estava sendo assolado por uma ditadura militar. Isso teria levado a uma polarização das lutas e ao enfraquecimento do movimento, visto que, nesse contexto, a luta considerada relevante era a contra a ditadura.

Enquanto nos Estados Unidos e na Europa os negros e as mulheres começavam a expor com força as especificidades de sua condição de dominação, no Brasil tanto o pensamento liberal como o marxista revolucionário dividiam a luta em dois campos exclusivos: o primeiro, da democracia contra a ditadura; o segundo, do proletariado contra a burguesia. Nesse cenário, as mulheres entravam em contato com o feminismo internacional por meio de viagens ou pela literatura, introduziam as questões, formavam grupos de reflexão, propunham encontros, mas tinham muito pouco sucesso em transformar suas problemáticas em temas do debate público (PINTO, 2003: 61).

O que se tem, dessa maneira, é um cenário pouco propício, mas que, não obstante, acabou por alocar vias que possibilitaram a introdução de novas idéias e também a reflexão localizada, pensando-se na realidade brasileira. E é nessa infiltração que Millôr Fernandes vai encontrar um alvo certo para a proliferação de suas piadas e joguetes que tinha como teor a ridicularização do feminismo e, em contrapartida, a incorporação de uma postura machista e humorada que, não esqueçamos, também foi grande foco de zombaria.

Antes de ingressarmos na análise dos escritos de Millôr, entretanto, é preciso que façamos a reflexão sobre o significado da expressão machismo, frequentemente usada como pejorativa em vias de acusação. O dicionário traz uma definição simplificada, mas que resume o teor do que é considerado machismo. Machismo seria qualificado como qualidade, ação ou modos de macho e, no seu uso informal, representaria exagerado senso de orgulho masculino, virilidade agressiva. Em última análise, seria um comportamento que tende a negar à mulher a extensão de prerrogativas ou direitos do homem (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS 3. Versão monousuário 3.0. Junho de 2009). Conceitualmente, portanto, o machismo é apontado como louvação do que é considerado essencialmente masculino, com a consequente desvalorização do que é considerado feminino.

Apesar da clareza e objetividade trazida pelo dicionário, é preciso compreender também o que Millôr Fernandes entende por machismo, dentro de sua perspectiva debochada e crítica, visto que, sua ocupação e preocupação não é apresentar conceitos definidos. Para esse fim é interessante refletir acerca de 3 considerações breves sobre

machismo, constantes no livro *Millôr definitivo: a bíblia do caos*<sup>8</sup>, obra em que o autor aponta desde considerações sobre o cientificismo, até sua noção de super-heróis, em um modelo de dicionário.

Conforme o autor, em sua máxima sobre machismo:

As feministas deviam protestar. Pelo número inacreditável de comerciais de desodorantes femininos que são exibidos na televisão, e pelas somas gigantescas que se gastam nesses comerciais, as mulheres brasileiras podem ser consideradas as mais fedorentas do mundo.

Bata em uma mulher hoje mesmo – amanhã ela pode estar no poder.

Hoje em dia, se você vai para a cama já de pau duro, a liberada te rosna: “Machista!” (1981) (MILLÔR, 2002: 348)

Em uma primeira consideração Millôr evoca o protesto das feministas, visto que o número de propagandas de desodorantes femininos seria gigantesco. Em seguida pontua a sua incidência no Brasil, salientando a fama que as brasileiras teriam pelo mundo. Desse trecho podemos extrair dois argumentos: o primeiro é que Millôr, em sua consideração sobre o machismo, logo de início refere-se às feministas, direcionando-se suavemente ao debate sobre o domínio sobre o corpo empreendido por elas; o segundo é o ataque contumaz às feministas brasileiras que, segundo o número de propagandas, precisariam aperfeiçoar sua vaidade, remetendo ao famoso senso-comum de feministas como mulheres feias e pouco vaidosas. Nesse excerto, portanto, o colunista conecta suas elucubrações sobre o machismo, ao feminismo, justificando a articulação que pretendo empreender nesse artigo que, ao pensar as referências de Millôr Fernandes ao machismo, exige que se perceba sua relação com o feminismo.

Na segunda parte é expressa a necessidade de se bater em uma mulher hoje mesmo, visto que amanhã ela pode estar em uma posição de comando. Apesar do desconforto que a frase causa, exatamente por seu caráter machista, o importante de se extrair dela, é a evidência de que o contexto está passando por transformações, afinal, o amanhã indica a existência de um movimento feminista hoje, disposto a construir um futuro diferente, combatente do machismo. Entretanto, ele indica ainda uma visão rasa de feminismo que, ao contrário de buscar a igualdade, busca apenas a troca de posições, em que as mulheres tomariam a condição de dominadores até então pertencente aos homens.

---

<sup>8</sup> Obra publicada em 2002 que traz em seu conteúdo parte da produção do jornalista ao longo de toda sua carreira nos mais diferentes jornais e revistas.

No último trecho da citação, Millôr faz referência à mulher como objeto sexual que, diante de uma perspectiva recente, consideraria a própria ereção como confirmação desse status. Fazendo uso de um nítido exagero, o colunista ressalta que as combatentes do machismo daquele momento, as feministas, estariam ampliando em excesso as acusações de machismo.

Nessas três colocações Millôr articula seu posicionamento e sua crítica machista à emergência do feminismo que, a partir da citação, defende a liberdade sobre o corpo, a tomada do lugar de poder e, ainda, combate a representação da mulher como objeto sexual. Com os extremos, Millôr ironiza o feminismo articulando-o ao machismo de maneira a denunciar, criticar e ironizar o enfrentamento de forças empreendido pelo movimento feminista e pelo machismo enquanto mentalidade. Essa prévia de análise serve como exemplo de uma das exigências da análise do discurso que é, conforme Eni Orlandi, a de relacionar a linguagem a sua exterioridade, compondo assim todas as complexas redes que formam os discursos (ORLANDI, 2009: 16). Nesse sentido, destaco que, ao refletir sobre os discursos sobre machismo produzidos por Millôr, precisamos atentar ao próprio contexto de emergência do feminismo, não apenas como cenário bibliograficamente relatado, mas como uma relação que o próprio discurso do colunista trata de demarcar.

É interessante destacar que a produção da teoria feminista pouco dissertou sobre o machismo e, quando encontramos bibliografia que reflita sobre esse tema em específico, ele não costuma apontar o machismo como foco de luta do movimento feminista. Portanto, destaco como uma tentativa complexa a de conceituar o machismo, mas é relevante, ao menos, buscar compreender do que se trata, visto que, Millôr, ao fazer amplo uso desta expressão, parte de uma série de referências concretas. De acordo com Mary Pimentel Drumond:

... o machismo é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher...O machismo enquanto sistema ideológico, oferece modelos de identidade tanto para o elemento masculino, como para o elemento feminino. Ele é aceito por todos e mediado pela liderança masculina. Ou seja, é através deste modelo normalizante que homem e mulher 'tornam-se' homem e mulher, e é também através dele, que se ocultam partes essenciais das relações entre os sexos, invalidando-se todos os outros modos de interpretação das situações, bem como todas as práticas que não correspondem aos padrões de relação nele contidos (DRUMONT, 1980: 81).

Para a referida autora, cuja formação é na área de ciências sociais, o machismo é um sistema ideológico, de representações simbólicas que afirma as condições de submissão entre homens e mulheres, reforçando padrões de masculinidade e feminilidade. Baseando-se na relação entre os sexos, o machismo se impõe entre homens e mulheres, com a aceitação da sociedade em geral, mas, mediado pela liderança masculina.

Robert Bascham, em artigo intitulado *Machismo*, aponta-o como uma síndrome cujo objetivo maior é cultuar a figura do macho, em toda sua virilidade. Conforme o autor, os traços do machismo são bem comuns em sociedades e classes em que o papel social da mulher é restrito à maternidade e à reprodução, sendo menos comum em sociedades em que a ênfase nessas questões não é muito definida (BASHAM, 1976: 136). Nesse sentido, o artigo em inglês, que leva o título de uma palavra latina, destaca o machismo como uma característica constituinte das bases das famílias latinas com formação católica<sup>9</sup>. O autor destaca ainda que, dentro de uma ótica capitalista, o machismo serve de justificativa para a desvalorização do trabalho feminino, com conseqüente valorização do trabalho masculino.

Apesar dos mais variados argumentos que possamos levantar sobre esse tema, no sentido de relativizar as palavras do referido autor, o importante de salientar nesse momento é o discurso de Millôr que não deixa de evidenciar a existência do machismo no Brasil, um país eminentemente católico que faz extenso uso da mão-de-obra barata de milhões de mulheres. Obedecendo a sugestão de Eni Orlandi, que afirma não existir uma verdade oculta atrás do texto (ORLANDI, 2009: 26), muito menos tentando localizar culpados, estabelecer essas relações não deve promover a constatação de uma origem, apenas a identificação de discursos promotores de sistemas de pensamento e comportamento. Da mesma maneira, a produção discursiva de Millôr Fernandes, datada, localizada e tematizada, não deve ser simplesmente justificada, mas complexificada, dentro de uma exterioridade composta por redes de sentidos que estão vinculadas aos mais variados acontecimentos e discursos.

A primeira referência ao machismo a ser analisada, é a de 12 de abril de 1972, com a narração de um suposto seqüestro sofrido por um homem, paralelo a um esforço

---

<sup>9</sup> Ver mais: ARY, Zaíra. Masculino e feminino no imaginário católico: da Ação Católica à Teologia da Libertação. São Paulo: Annablume: Fortaleza, 2000.

mais que humano de sua esposa para libertá-lo com o pagamento do resgate, o escritor finaliza seu conto da seguinte maneira:

Mas aí, ao que parece, o esforço terrível de lutar contra o destino já a tinha tirado de sua submissão, do seu conformismo de mulher-objeto. Ela tinha amadurecido tanto, que pensou bastante e decidiu: “Ora, depois desse esforço todo eu sou, naturalmente, uma líder feminista; não dependo, nem posso depender, de um único homem para sobreviver nesta sociedade patriarcal, cheia de porcos chovinistas. A essa altura meu marido deve estar um monstro, sem nem sequer o encanto do seu machismo. Sabe o que é?, vou guardar o dinheiro, comprar ações do Banco do Brasil preferenciais ao portador, entrar prum desses Movimentos de Libertação da Mulher e arranjar um outro marido inteirinho. Falei et dix”(Revista Veja. Millôr. Dia 12 de abril de 1972. Edição 188, p. 10).

Dessa primeira citação podemos extrair uma série de referências que nos ajudam a pensar as palavras de Millôr de uma maneira mais profunda. Primeiro destaco a expressão “lutar contra o destino”, muito usada por feministas como Simone de Beauvoir com a intenção de contestar a máxima de que anatomia é destino (BEAUVOIR, 2009: 66). Millôr, portanto, apropria-se de uma expressão chave do movimento feminista. Em seguida, faz referência à “líder feminista”, o que pode ser vinculado à característica do nascente movimento feminista no Brasil, muito promovido por mulheres específicas. Essa mesma líder, desgostosa com a perda do marido, do “encanto do seu machismo”, abandona-o e compra ações do Banco do Brasil. Nessa leitura, esta mulher feminista, além de colaborar com o regime, com a compra de ações do Banco do Brasil, mesmo que indiretamente, ainda comprova-se egoísta e egocêntrica, uma alegoria ao feminismo como um todo que, ao invés de dar foco a uma luta considerada mais global, contra a ditadura e a falta de liberdade de expressão, estaria preocupada com seu próprio bem estar, no caso, o bem estar das mulheres. Destaco que a proposta não é revelar uma verdade oculta atrás do texto, mas sim buscar um sentido para ele. Para finalizar esse excerto, ressalto a expressão “o encanto do seu machismo” que, em um país como o Brasil, pode ser vinculada a noção de que mulheres de maneira geral tem uma preferência no que tange aos homens, e esta preferência estaria exatamente localizada no homem cafajeste, viril, eventualmente violento, o característico “homem com H”, que não é, senão, uma vertente do homem considerado machista.

Em edição de 5 de junho de 1974, Millôr Fernandes, ao realizar um compêndio com máximas dedicadas exclusivamente ao que ele chama de clichês das mulheres intelectualizadas, como as que foram publicadas no livro anteriormente citado, *Millôr*

*Definitivo: a bíblia do caos*, afirma, no tópico *letra M*: “Machismo – Já era. Mas confesso que não saberia viver sem um homem ao meu lado” (Revista Veja. Millôr Fernandes. Dia 5 de junho de 1974. Edição 300, p. 12). Representando o suposto pensamento de uma mulher, note-se bem, uma mulher intelectualizada, Millôr destaca que, apesar de dispensar o machismo enquanto sistema de pensamento, essa mulher não dispensa um homem ao seu lado. Nessa afirmação o que evidenciamos é um equívoco, que vai de encontro à citação anterior em que o colunista mostra-se bastante letrado ao fazer referência a chamada luta contra o destino. Millôr Fernandes entrega-se a uma visão clichê de feminismo que, dentro do ponto de vista do senso comum, nada mais seria do que a dispensa da própria existência masculina. No discurso de Millôr, portanto, se expressa uma mistura de conhecimento considerado popular e teórico baseado na anedota, na comédia, no desejo de fazer rir e provocar. Além disso, a referência à “mulher intelectualizada” demarca o espaço em que residiria esse combate ao machismo, o de mulheres instruídas e de classe média.

Em publicação de 15 de janeiro de 1975 Millôr produz uma cena de rompimento entre um homem e uma mulher, em um mundo nomeado por ele de “vastamente analisado e liberado”. Na cena, o casal discute quem de fato estava tendo a iniciativa de rompimento. Na descrição de Millôr, *Ela* afirma: “Por mais que isso fira teu orgulho masculino, o seu machismo natural, a verdade é que sou **eu** que está rompendo com você”( Revista Veja. Millôr. Dia 15 de janeiro de 1975. Edição 332, p. 08). Apesar de todo o diálogo ser uma fonte interessante de análise, destaco esse primeiro momento e o desfecho que é encerrado por uma promessa de ligação por parte do homem, seguido de uma afirmação de que ele nunca iria ligar; e por uma afirmação da mulher de que mandaria dizer que não está. Ressalto a expressão “machismo natural” em que o machismo é apresentado como absolutamente regido pelas leis da natureza, o que o desvincula da intervenção humana, visto que, se é natural, não pode ser transformado. O machismo, nesse sentido, seria algo tipicamente natural, portanto, impossível de ser eliminado. Com o desfecho da história, entretanto, Millôr não salienta uma possível característica temperamental das mulheres, como seria de supor, mas sim, a complexidade dos seres humanos em geral que, submetidos as suas subjetividades, armam o que o colunista intitula de cena urbana. Nessa análise não se supõe o alcance aos sentidos literais do texto, portanto, o objetivo não é de provar as reais intenções de

Millôr, apenas compreender como sujeitos e sentidos constituem-se em processos (ORLANDI, 2009: 60-61), o que é justificado pelo próprio discurso do autor que, ora ridiculariza o feminismo, ora ridiculariza o próprio ser humano.

Em edição de 8 de outubro de 1975, em coluna intitulada *O homem deve bater na mulher?*, Millôr faz um ataque feroz a uma das mais conhecidas feministas brasileiras do período, Rose Marie Muraro. Elaborando uma resposta para a enquete como sendo de autoria da referida estudiosa, Millôr questiona o “relativismo cultural” do nascente movimento feminista brasileiro. Na íntegra, a suposta resposta da socióloga:

“Depende do *approach* antropológico. Em certas ilhas da Melanésia é comum até o contrário: as mulheres batem diariamente nos maridos. No mundo ocidental, subdesenvolvido, sul-americano e machista a prática é a conhecida. Dever ou não dever é uma questão de época e costume” (Rose Marie Muraro, 54 anos, socióloga especializada em aparecer na tv) (Revista Veja. Millôr Fernandes. Dia 8 de outubro de 1975. Edição 370, p. 14).

Invertendo o pensamento de Rose Marie Muraro, Millôr relativiza então, a própria questão da violência contra as mulheres. Nessa perspectiva, a hipotética opinião aponta o “bater em mulher” como uma questão de época e costume, estando, portanto, justificado. A feminista “afirmaria” ainda que a prática é comum no mundo subdesenvolvido, sul-americano e machista. Millôr, ao promover esse discurso em nome da pesquisadora, faz forte crítica à perspectiva historicizada do movimento feminista que faz uso de argumentos históricos para afirmar que a condição das mulheres não foi sempre aquela.

Millôr, na edição de 10 de agosto de 1977, em uma lista de verbetes aponta: “Hoje em dia basta um cara assassinar a amante sem motivo justo para ser considerado machista” (Revista Veja. Millôr. Dia 10 de agosto de 1977. Edição 466: p. 15). Superficialmente a afirmação do colunista provoca desconforto, no entanto, o que se evidencia é uma crítica ao próprio machismo. A expressão “sem motivo justo” é a linha que separa a crítica da afirmação da violência e do machismo. Millôr, nesse excerto, não louva o machismo, muito pelo contrário, o coloca em confronto com uma de suas formas de expressão, a violência, problema que se tornou um dos mais combatidos pelo movimento feminista brasileiro a partir de 1980 (PINTO, 2003: 80). Não podemos esquecer que, um ano antes, havia ocorrido o assassinato de Ângela Diniz pelas mãos de seu marido que foi absolvido sob a alegação de legítima defesa da honra. Esse caso

tornou-se um caso símbolo em função da notoriedade do casal, no entanto, a mídia divulgava com frequência casos semelhantes.

Novamente na linha de formação de seu dicionário, em edição de 17 de janeiro de 1979, Millôr traz uma definição de Abdômen: “Palavra machista significando barriga. Deveria haver também habdmulher” (Revista Veja. Millôr. Dia 17 de janeiro de 1979. Edição 541, p. 08). No trocadilho simplista Millôr ironiza o comportamento feminista de problematizar, inclusive, as palavras. No entanto, como afirmava Bourdieu, as palavras não são inocentes (BOURDIEU, 2008: 27).

Em edição de 15 de outubro de 1980, promovendo uma “Radiografia essencial do gordo”, Millôr destaca: “Se você chama um gordo de gordo está apenas dando nome aos bois; se você chama uma gorda de gorda é um sórdido machista que só pensa em mulher-objeto (magra)” (Revista Veja. Millôr. Dia 15 de outubro de 1980. Edição 632, p. 14). Em novo jogo de palavras, Millôr evidencia as críticas que tem recebido por seu trato com as mulheres e também com o feminismo, críticas que não se referem apenas à *Veja*, mas principalmente a sua postura em *O Pasquim*.

Destaco aqui o tom relativamente contido que Millôr Fernandes reserva à *Veja*, sendo que, provavelmente, essas diferenças não são acidentais, mas sim ocasionais. *O Pasquim*, um jornal alternativo, é produzido por intelectuais esclarecidos de esquerda, para um público também de esquerda. Como jornal alternativo, sua maior fonte de receita vem da venda e não dos anunciantes. Já a *Veja* é uma revista integrante da grande imprensa<sup>10</sup>, produzida por uma grande editora, comandada por homens ricos, cuja verba é fruto, em sua maioria, de anúncios publicitários, muitos deles financiados pelo governo, sendo que seu público alvo é a classe média, a chamada pequena-burguesia. Além disso, em *Veja*, Millôr está submetido a uma hierarquia, enquanto n’*O Pasquim* o escritor e humorista faz parte do topo da hierarquia. Por isso que, em análise de discurso, devemos relacionar a linguagem a sua exterioridade, tanto no que se refere à atribuição de sentido, quanto ao seu contexto e suporte.

Em edição de 4 de março de 1981, propondo algumas reflexões sobre o ser brasileiro, Millôr afirma: “Brasileiro não é muito chegado a coisas violentas, como touradas. O Brasil também não dá grandes lutadores de boxe. Nosso machismo conhece

---

<sup>10</sup> Conforme Anne\_Marie Smith: “Grande implica ser representativa ou majoritária, embora ela pudesse ser apenas a dominante ou a mais bem-sucedida comercialmente. Alternativa implica crítica, embora ela pudesse ser apenas não-conformista e idiossincrática” (SMITH, 2000: 49).

suas limitações” (Revista Veja. Millôr. Dia 4 de março de 1981. Edição 652, p. 08). Ironizando o estereótipo do “ser brasileiro”, o colunista afirma que a não-adequação do brasileiro ao que seria considerado um tipo violento, apontaria que “nosso machismo conhece suas limitações”. Lembrando que a idéia de machismo está vinculada ao culto da virilidade que, conceitualmente, não supõe a violência, mas sim as características físicas e sexuais atribuídas à masculinidade.

Listando “Alguns supérfluos para serem taxados”, em edição de 9 de outubro de 1981, o colunista aponta “A palavra machista empregada na TV pelo menos 422 vezes por dia por sociólogos, psicólogos e psicanalistas cobrindo assim a ausência de qualquer raciocínio” (Revista Veja. Millôr. Dia 9 de outubro de 1981. Edição 692, p. 14). Nesse excerto o colunista denuncia a contemporaneidade do tema que, conforme a citação, é citado na TV “pelo menos 422 vezes por dia” por estudiosos que se dedicam a estudar a sociedade e o comportamento humano. O trecho aponta o machismo como uma preocupação típica daquele momento. A constatação da recorrência ao tema, leva à cobertura da mídia sobre o assunto. O machismo, portanto, existe no plano do acontecimento e, por isso, existe também no discurso do humorista e escritor Millôr Fernandes. Saliento que, de acordo com o pensamento de Michel Pêcheux, são nessas lacunas que age o analista do discurso, visto que, todo enunciado, ou toda série de enunciados, oferece um lugar de interpretação (PÊCHEUX, 1990: 53). Além disso, Millôr pontua a “ausência de qualquer raciocínio” estimulada pelas fórmulas de explicação desses especialistas que, supõe-se, explicam o fenômeno como algo socialmente justificado, ou ainda, psiquicamente legitimado. Novamente o colunista critica o próprio tratamento que se concede ao tema, não incorporando uma postura machista, nem mesmo reforçando o aspecto humorado do machismo, como faz com frequência, mas reivindicando um outro tipo de acolhimento para o problema do machismo.

Millôr Fernandes, ao ironizar a implicância das feministas com as palavras, ao debochar do relativismo cultural ao qual essas mulheres estavam se detendo, ao sugerir o machismo como algo tipicamente natural, tem um alvo certo, o movimento feminista brasileiro. Acusado pela esquerda de ser um segregador da luta, esquerda cujo um dos integrantes pensantes é exatamente o colunista, o feminismo no momento de sua emergência no Brasil encontra um cenário pouco propício ao desenvolvimento de

movimentos sociais e, ainda, precisa enfrentar ataques como os de Millôr que não poupam críticas às bandeiras levantadas por um movimento composto por mulheres instruídas, de classe média que, em teoria, não representaria a maioria das mulheres brasileiras. Millôr, com a acidez que ainda hoje recheia as páginas da imprensa brasileira, reforça modelos, reivindica estereótipos, provocando o movimento feminista no que lhe é considerado mais caro, a vontade de transformação. Porém, a postura do colunista aqui contemplado para análise, não se resume a uma crítica gratuita.

O colunista de *Veja*, mesmo assumindo uma postura considerada machista, não poupa críticas ao próprio pensamento machista, apontando que, a forma de luta empreendida pelas feministas e por estudiosos nesse momento, seria ineficaz para combatê-lo. Com referências a questão da violência contra as mulheres e ironizando o próprio temperamento humano, Millôr, apesar do deboche que preenche a maioria de suas linhas, provoca a reflexão e a crítica. Infelizmente essa reflexão não está aliada ao que seria considerado uma prática feminista, no entanto, ela está alinhada a uma idéia de contestação do sistema vigente, um sistema opressor, propagador da violência e do arbítrio, tanto em relação a homens quanto em relação às mulheres. Não cabe aqui uma defesa de Millôr Fernandes, tantas vezes acusado de machismo e anti-feminismo, porém, é relevante evitarmos a imprudência e precipitação de juízos, visto que Millôr Fernandes estava fazendo parte de um momento bastante específico da história brasileira.

Pensar o tema machismo através dos discursos azedos de Millôr deve ser entendido como algo maior do que a releitura busca de respostas para a “má-vontade” do colunista. Refletir sobre os seus discursos em *Veja* deve ser um exercício de descrição e interpretação no que se refere ao seu suporte, seu contexto adjacente, seu contexto abrangente, suas relações com a esquerda brasileira e, também, com o próprio regime, afinal, em história, discursos, sujeitos e acontecimentos são reativos a própria história.

#### REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. Veja sob censura: 1968-1976. São Paulo, Jaboticaba, 2009.

BASHAM, Richard. Machismo. In: A Journal of Women Studies, Vol. 1, Nº. 2 (Spring,1976), pp. 126-143).

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Lingüísticas – o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS 3. Versão monusuário 3.0. Junho de 2009. Instituto Antônio Houaiss. Produzido e distribuído por Editora Objetiva LTDA. Programa.

DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. In: Perspectivas, São Paulo, 3: 81-85, 1980.

LUCA, Tânia Andrade de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MILLÔR, Fernandes. Millôr Definitivo: a bíblia do caos. Porto Alegre: L&PM, 2002.

ORLANDI, Eni. P. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. O Discurso: Estrutura ou Acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SMITH, Anne Marie. Um acordo Forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

FONTE: Disponível em [www.veja.com](http://www.veja.com). Último acesso em 20 de março de 2011.

Revista Veja. Especial. 500 semanas de Millôr. Dia 28 de junho de 1978. Edição 512.

Revista Veja. Millôr Fernandes - O Sequestro. Dia 12 de abril de 1972. Edição 188.

Revista Veja. Millôr Fernandes. Lugares-comuns femininos (classe A). Dia 5 de junho de 1974. Edição 300.

Revista Veja. Millôr. Cena Urbana 1975. Dia 15 de janeiro de 1975. Edição 332.

Revista Veja. Millôr Fernandes. O homem deve bater na mulher? Dia 8 de outubro de 1975. Edição 370.

Revista Veja. Millôr. Livre-pensar é só pensar. Dia 10 de agosto de 1977. Edição 466.

Revista Veja. Millôr. Radiografia essencial do gordo. Dia 15 de outubro de 1980. Edição 632.

Revista Veja. Millôr. Brasil. Meu Brasil brasileiro. Dia 4 de março de 1981. Edição 652.

Revista Veja. Millôr. Alguns supérfluos para serem taxados. Dia 9 de outubro de 1981. Edição 692.